

e panoramas novos. A minha situação é a de um enfermo pobre que se visse de uma hora para outra em luxuosa estação de águas, com as despesas custeadas pelos amigos. Restabelecendo a minha saúde, estudo e medito. E meu coração, ao descerrar as folhas diferentes dos compendios do infinito, pulsa como o do estudante novo.

Sinto-me novamente na infancia. Calço os meus tamanquinhos, visto as minhas calças curtas, arranjo-me ás pressas, com a má vontade dos garotos incorrigíveis, e vejo-me outra vez diante da Mestra Sinhá, que me olha com indulgencia, através da sua tristeza de virgem desamada, e repito, apontando as letras na cartilha: — A B C... A B C D E...

Ah ! meus Deus, estou aprendendo agora os luminosos alfabetos que os teus dedos imensos escreveram com giz de ouro resplandecente nos livros da natureza. Faze-me novamente menino, para compreender a lição que me ensinas ! Sei hoje, relendo os capitulos da tua gloria; porque vicejam na Terra os cardos e os jasmineiros, os cedros e as ervas, porque vivem os bons e os máus, recebendo, numa atividade promiscua, os beneficios da tua casa.

Não trago do mundo, Senhor, nenhuma oferta para a tua grandeza ! Não possuo senão o coração, exausto de sentir e bater, como um vaso de iniquidades. Mas, no dia em que te

lembrares do misero pecador, que te contempla no teu doce misterio, como lampada de luz eterna, em torno da qual bailam os sóes como pirilampos acesos dentro da noite, fecha os teus olhos misericordiosos para as minhas fraquezas e deixa cair nesse vaso imundo uma raiz de assucenas. Então, Senhor, como já puzeste lume nos meus olhos, que ainda choram, plantarás o lirio da paz no meu coração, que ainda sofre e ainda ama.

27 de março de 1935.

CARTA AOS QUE FICARAM

No antigo Paço da Bôa Vista, nas audiencias dos sabados, quando recebia toda gente, atendeu D. Pedro II a um negro velho, de carapinha branca, e em cujo rosto, enrugado pelo frio de muitos invernos, se descobria o sinal de muitas penas e muitos máus tratos.

— “Ah ! meu senhor grande — exclamou o infeliz — como é duro ser escravo !...”

O magnanimo imperador encarou suas mãos cansadas no leme da direção do povo e aquelas outras, engelhadas nas excrecencias dos calos adquiridos na rude tarefa das senzalas,

e tranquilizando-o comovido: — “Oh !, meu filho, tem paciência ! Também eu sou escravo dos meus deveres e eles são bem pesados... Teus infortúnios vão diminuir...”

E mandou libertar o preto.

Mais tarde, nos primeiros tempos do seu desterro, o bondoso monarca, a bordo do “Alagoas”, recebeu a visita do seu ex-ministro; ás primeiras interpelações de Ouro Preto, respondeu-lhe o grande exilado:

— “Em suma, estou satisfeito e tranqüilo”; e, aludindo á sua expatriação: — “É a minha carta de alforria... agora posso ir onde quero.”

A corôa era pesada demais para a cabeça do monarca republicano.

Aos que me perguntarem no mundo sobre a minha posição em face da morte, direi que ela teve para mim a fulguração de um Treze de Maio para os filhos de Angola.

A morte não veio buscar a minha alma, quando esta se comprazia nas rêdes douradas da ilusão. A sua tesoura não me cortou fios da mocidade e de sonho, porque eu não possuía senão neves brancas e rígidas, á espera do sol para se desfazerem. O gelo dos meus desenganos necessitava desse calor de realidade, que a morte espalha no caminho em que passa com a sua foice derrubadora. Resisti, porém, ao seu cerco, como Aquiles, no heroísmo indomável de quem vê a destruição de suas muralhas

e redutos. Na minha trincheira de sacos de agua quente, eu a via chegar quasi todos os dias... Mirava-me nas pupilas chamejantes dos seus olhos, pedindo-lhe complacencia e ela me sorria consoladora nas suas promessas. Eu não podia, porém adivinhar o seu fundo mysterio, porque a dúvida obsidiava o meu espirito, enrodilhando-se no meu raciocinio como tentaculos de um polvo.

E, na minha alegria barbara, sentia-me encurralado no sofrimento, como um lutador romano aureolado de rosas.

Triunfava da morte e, como Ajax, recolhi as ultimas esperanças no rochedo da minha dor, desafiando o tridente dos deuses.

A minha excessiva vigilancia trouxe-me a insônia, que arruinou a tranquillidade dos meus ultimos dias. Perseguido pela surdez, já os meus olhos se apagavam, como as derradeiras luzes de um navio sossobrando, em mar encafelado, no silencio da noite. Sombra, movendo-se dentro das sombras, não me acovardei diante do abismo. Sem esmorecimentos, atirei-me ao combate, não para repelir mouros na costa, mas para erguer muito alto o coração, retalhado nas pedras do caminho, como um livro de experiencias para os que vinham depois dos meus passos, ou como a réstea luminosa que os faroleiros desabotoam na superficie das

aguas, prevenindo os incautos do perigo das sirtes traiçoeiras do oceano.

Muitos me supuzeram corroído de lepra e de vermina, como se eu fosse Bento de Labre, raspando-se com a escudela de Job. Eu, porém, estava apenas refletindo a claridade das estrelas do meu imenso crepusculo. Quando me encontrava nessa faina de semear a resignação, a primeira e ultima flor dos que atravessam o deserto das incertezas da vida, a morte abeirou-se do meu leito, devagarinho, como alguém que temesse acordar um menino doente. Esperou que tapassem com a anestesia todas as janelas e interstícios dos meus sentimentos. E quando o cáos mais absoluto se fez sentir no meu cerebro, zás ! cortou as algemas a que me conservava retido por amor aos outros condenados, irmãos meus, reclusos no calabouço da vida. Adormeci nos seus braços, como um ebrio nas mãos de uma deusa. Despertando dessa letargia momentanea, compreendi a realidade da vida, que eu negara, além dos ossos que se enfeitam com os cravos rubros da carne.

— Humberto !... Humberto !... — exclamou uma voz longinqua — recebe o que te enviam da Terra !

Arregalei os olhos com horror e com enfiado: — “Não ! Não quero saber de panegiricos e agora não me interessam as seções ne-crologicas dos jornais.”

— “Enganas-te — repetiu — as homenagens da convenção não se equilibram até aqui. A hipocrisia é como certos microbios de vida muito efemera. Toma as preces que se elevaram por ti a Deus, dos peitos sufocados, onde penetraste com as tuas exortações e conselhos. O sofrimento entornou sobre o teu coração um cantaro de mel.”

Vi descer, de um ponto indeterminado do espaço, braçadas de flores inebriantes, como se fossem feitas de neblina resplandecente, e escutei, envolvendo o meu nome pobre, orações tecidas com suavidade e doçura. Ah ! eu não vira o céu e a sua côrte de bemaventurados; mas, Deus receberia aquelas deprecações no seu solio de estrelas encantadas, como a hostia simbolica do catolicismo se perfuma na onda envolvente dos aromas de um turibulo. Nossa Senhora deveria ouvi-las no seu trono de jasmims bordados de ouro, contornado dos anjos que eternizam a sua gloria.

Aspirei com força aqueles perfumes. Pude locomover-me para investigar o reino das sombras, onde penso sem miolos na cabeça. Amava ainda e ainda sofria, reconhecendo-me no pórtico de uma nova luta.

Encontrei alguns amigos a quem apertei fraternalmente as mãos. E voltei cá. Voltei, para falar com os humildes e com os infelizes, confundidos na poeira da estrada de suas

existencias, como frangalhos de papel, rodopiando ao vento. Voltei, para dizer aos que não pude interpretar no meu cepticismo de sofredor:

— “Não sois os candidatos ao casarão da Praia Vermelha. Plantai, pois, nas almas a palmeira da esperança. Mais tarde, ela desdobrará sobre as vossas cabeças encanecidas os seus leques enseivados e verdes...”

Eu posso acrescentar, como o neto de Marco Aurelio, no tocante á morte que me arrebatou da prisão nevoenta da Terra: — “É a minha carta de alforria... Agora posso ir onde quero.”

Os armargores do mundo eram pesados demais para o meu coração.

28 de março de 1935.

AOS MEUS FILHOS

Meus filhos, venho falar a vocês como alguém que abandonasse a noite de Tiresias, no carro fulgurante de Apolo, subindo aos cumes dourados e perfumosos do Helicon. Tudo é harmonia e beleza, na companhia dos numes e dos genios, mas o pensamento de um cego, em reabrindo os olhos nas rutilancias da luz, é para

os que ficaram, lá longe, dentro da noite, onde apenas a esperança é uma estrela de luz doce e triste.

Não venho da minha casa subterranea de São João Baptista, como os mortos que os larápios, ás vezes, fazem regressar aos tormentos da Terra, por mal dos seus peccados. Na derradeira morada do meu corpo ficaram os meus olhos enfermos e as minhas indisposições organicas. Cá estou, como se houvesse sorvido um nectar de juventude, no banquete dos deuses.

Entretanto, meus filhos, levanta-se entre nós um rochedo de misterio e de silencio.

Eu sou eu. Fui o pai de vocês e vocês foram meus filhos. Agora, somos irmãos. Nada ha de mais belo do que a lei de solidariedade fraterna, delineada pelo Criador na sua gloria inacessivel. A morte não suprimiu a minha afetividade e ainda possuo o coração de homem, para o qual vocês são as melhores criaturas desse mundo.

Dizem que Orfeu, quando tangia as cordas de sua lira, sensibilizava as fêras que se agrupavam enternecidas para escuta-lo. As arvores vinham de longe, transportadas na sua harmonia. Os rios sustavam o curso das suas correntes impetuosas, quedando-se para ouvi-lo. Havia deslumbramentos na paisagem musicalizada. A morte, meus filhos, cantou para mim, tocando o seu alaúde. Todas as minhas con-